

## Graciliano Ramos: *história e romance, teoria e ficção*

Socorro de Fátima Pacífico Vilar\*

Segundo João Luiz Lafetá, projetos distintos separam a fase heróica do Modernismo, daquela que se segue à Revolução de 30:

enquanto na primeira a ênfase das discussões cai predominantemente no projeto estético (isto é, o que se discute principalmente é a linguagem), na segunda a ênfase é sobre o projeto ideológico, isto é, discute-se a função da literatura, o papel do escritor, as ligações da ideologia com a arte.<sup>1</sup>

Correto, no que se refere à maioria dos escritores desta geração, o modelo não se enquadra à produção de Graciliano Ramos, visto que na sua obra confluem os projetos estético e ideológico de forma indissociável. Além disso, podemos afirmar que Graciliano Ramos, paralelamente à elaboração de seus romances, vai construindo um projeto estético próprio, diferente de tudo o que se fazia à época. Basta uma leitura de *Linhas tortas* (ou mesmo de suas cartas) para se perceber a preocupação do escritor com relação à linguagem. Dessa forma, antes mesmo que a concepção de modernidade figurasse nos ensaios de crítica literária, Otto Maria Carpeaux já chamava a atenção para o caráter experimentador de Graciliano Ramos: “É um clássico. Mas - contradição enigmática - é um clássico experimentador”<sup>2</sup>. Alertado por Aurélio Buarque de Hollanda, Carpeaux observa que o fato de cada romance do autor ter sido escrito, utilizando estruturas diferentes, revela um autor que sabe experimentar. Ora, podemos afirmar, para completar o raciocínio do crítico, que Graciliano não só gosta e sabe experimentar como tem plena consciência de seus experimentos.

A experimentação para Graciliano Ramos aspira a uma relação, a mais verdadeira possível, entre tema e linguagem, personagem e narrativa. Enfim, ela se volta radicalmente, como nota Zenir Campos Reis, contra “certa tradição de retórica inflada na literatura brasileira, contra aquele regionalismo de exterioridade, de paisagem, e contra a maneira convencional de expor a voz das

\* Professora de Literatura Brasileira da UFPB.

<sup>1</sup> LAFETÁ, João Luiz. 1930: a crítica e o modernismo. São Paulo: Duas Cidades, 1974, p.17.

<sup>2</sup> CARPEAUX, Otto Maria. “Visão de Graciliano Ramos”. In: Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 1987, p. 244.

camadas populares, simpática mas estereotipada”<sup>3</sup>. A experimentação no seu caso vem sempre acompanhada do exercício crítico, o que torna o fazer literário e o refletir sobre ele uma obsessão e o eixo de seus romances. Assim, não bastassem as reflexões sobre ficção, observadas no corpo de seus romances, ele ainda esboça nas cartas e crônicas suas preocupações com a literatura, com o papel do escritor, com a função do romance, fundindo a um só tempo projeto estético e projeto ideológico, em um movimento tão íntegro e coerente quanto parece ter sido a sua postura pessoal.

Desse movimento de teorizar sobre o romance nascem dois ensaios, “O fator econômico no romance brasileiro”(1945) e “Decadência do romance brasileiro”( 1946), frutos de sua visão marxista da arte que, sob muitos aspectos, irá se afinar com posturas defendidas por George Lukács, no antológico “Narrar ou descrever?”. Escritos entre os anos de 1945 e 1946, ou seja, tempo da filiação de Graciliano Ramos ao PCB, os dois ensaios podem sugerir, numa primeira leitura, que se trata de textos ligados às diretrizes do Partido, às teses do “realismo socialista”<sup>4</sup>. Afirmativa um tanto quanto apressada, pois parece desconhecer que o primeiro contato de Graciliano Ramos com o marxismo não se dá através do Partido, mas da leitura de *O Capital*, por volta de 1914, quando em carta a seu amigo Joaquim Pinto da Mota Lima Filho ele comenta ter iniciado a leitura deste livro, muito embora não a tenha concluído<sup>5</sup>. Em 1932, ao comentar sobre o romance *São Bernardo*, alude à leitura de economia política para a elaboração do romance<sup>6</sup>. Mais importante porém, é perceber que o conhecimento de conceitos marxistas já se encontra na sua obra, desde o romance *Caetés*, onde, segundo Zenir Campos Reis, Graciliano consegue compor um “primeiro esboço da história da origem da propriedade, na esfera da circulação da mercadoria”, ou em *São Bernardo*, quando o narrador demonstra consciência da divisão do trabalho, além de narrar a “acumulação primitiva do capital”<sup>7</sup>.

Ora, é justamente dos anos trinta, o ensaio de George Lukács, “Narrar ou descrever?” que, construído a partir de um olhar marxista, irá teorizar a respeito de questões caras ao autor alagoano, sendo a principal delas a representação da realidade. Dessa forma, muito embora os ensaios de Graciliano Ramos sejam dos anos quarenta, podemos afirmar que toda a teoria já se esboçava através de seus romances. Sendo assim, ao conceber estes textos críticos ele o faz tanto

<sup>3</sup> REIS, Zenir Campos. “Tempos futuros”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, 35:43 –68, 1993, p.69.

<sup>4</sup> FACCIONI, Valentim. “Um homem bruto da terra”. In: *Graciliano Ramos*, p. 127

<sup>5</sup> RAMOS, Graciliano. *Cartas*. Edição especial. MPM Comunicações, 1980, p.130/131.

<sup>6</sup> Id. *Ibid.*, p.129.

<sup>7</sup> Anotações de aula do Prof. Zenir Campos Reis, ministrada na Pós-Graduação em Letras da UFPB, no curso “Graciliano Ramos: texto/contexto, no segundo semestre de 1995.

através de seus conhecimentos do marxismo, quanto a partir de sua própria experiência de romancista. Assim, se sua obra o torna solitário no meio de uma geração, assim também o será na crítica.

Passamos agora a identificar as principais coordenadas do ensaio de George Lukács, com as quais tentaremos aproximar “O fator econômico no romance brasileiro” e “Decadência do romance brasileiro”. Em “Narrar ou descrever?”<sup>8</sup>, George Lukács identifica, como é sabido de muitos, duas condutas básicas adotadas pelo romance, a partir do século XIX: narrar ou descrever. Para ele, as duas formas de escrever romances derivam, primeiro, da postura que o escritor assume diante da história, segundo, de sua visão de mundo. Assim, a narração, própria do realismo crítico, se caracteriza por privilegiar o homem e a relação deste com os outros homens e com o mundo. Segundo o crítico, basta tomar como exemplo *As ilusões perdidas*, de Balzac, para se perceber que na narração *o drama das figuras principais é, ao mesmo tempo, o drama das instituições no quadro das quais elas se movem, o drama das coisas com as quais elas convivem, o drama do ambiente em que elas travam as suas lutas e dos objetos que servem de mediação as suas relações recíprocas*<sup>9</sup>.

A descrição, por sua vez, própria da estética naturalista, com sua tendência para descrever a realidade, como se fosse uma série de quadros, acaba por representá-la “fixando-lhe somente os efeitos mas não o caráter histórico-conflitivo, a luta de forças opostas”<sup>10</sup>.

Na base dessas duas posturas encontra-se a posição que o autor assume diante da representação da realidade: da participação nasce o narrar, da mera observação, o descrever.

Em “Decadência do romance brasileiro” e em “O fator econômico...”, Graciliano Ramos partiu exatamente desse posicionar-se no mundo, para formular seus pressupostos teóricos. No primeiro, ao discutir a crise que assola o romance da época, ele a atribui, não à falta de “material”, para usar uma expressão sua, mas à falta de “observadores honestos, bons narradores”<sup>11</sup>. Embora utilize o termo observar, entendemos que da maneira como o faz, a expressão aqui assume o mesmo sentido que o “participar” possui em “Narrar ou descrever?”. Primeiro, por que a palavra “honesto” ao lado de “observador” remete às “exigências éticas e estéticas do autor”, que entre outras coisas teme “falsear a experiência

---

<sup>8</sup> LUKÁCS, George. “Narrar ou descrever?” In: *Ensaio sobre literatura*. Trad. Giseh Vianna Konder e outros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

<sup>9</sup> Id. *Ibid.*, p. 47

<sup>10</sup> Id. *Ibid.*, p. 83

<sup>11</sup> RAMOS, Graciliano. “Decadência do romance brasileiro”. In: Graciliano Ramos, p. 114.

de origem”, “trair involuntariamente a própria memória...”<sup>12</sup>, segundo, ele atribui a “decadência” do romance dos anos quarenta ao fato de os escritores terem abandonado o que realmente conhecem e o que vivenciam, como é o caso de José Lins do Rego, cujas qualidades literárias “somem-se quase aí” (refere-se Graciliano Ramos aos romances *Pedra bonita* e *Riacho doce*). De acordo com a concepção do autor, nestes romances, os “defeitos avultam agravados pelo fato de se mostrarem lugares e acontecimentos que ele (José Lins do Rego) não conhece bem”<sup>13</sup>. Por último, antecipando novamente debates profícuos da década de setenta, Graciliano Ramos aponta como fator de crise do romance este alheamento dos romancistas da representação de fatores econômicos, cuja causa principal estaria no fato de a maioria manter vínculos com o Estado, através do funcionalismo público<sup>14</sup>.

Em “O fator econômico...”, Graciliano Ramos retomará o assunto, agora ressaltando a importância da “observação cuidadosa dos fatos”, aliada à representação da economia. Estes seriam, na opinião do escritor, os ingredientes fundamentais do sucesso do romance de trinta. Se adotamos o critério da exclusão, sugerida pelo autor, podemos afirmar que economia não se confunde com “questões políticas”, nem com “questões sociais”, uma vez que a sua representação “depende de outras mais profundas”. A economia, para Graciliano Ramos, assume a nosso ver, o mesmo sentido que o termo *práxis* tem na obra de George Lukács, uma vez que é através dela que o romancista torna visível o processo social, a luta de classes, a acumulação do capital. É a idéia de *práxis* que Graciliano Ramos se refere, na passagem a seguir, muito embora não explicita o conceito: “Um cidadão é capitalista. Muito bem. Ficamos sem saber onde lhe veio o capital e de que maneira o utiliza. Outro é agricultor. Não visita as plantações, ignoramos como se entende com os moradores, se a safra lhe deu lucro”<sup>15</sup>. Embora o fator econômico assuma certo caráter ortodoxo, pois Graciliano Ramos pensa realmente em números e estatísticas, sua preocupação é, na verdade, a mesma de George Lukács, ou seja, desnudar as relações sociais e históricas. Notamos que na base deste conceito econômico se instala a noção de verossimilhança, pois para Graciliano Ramos, a literatura e, em especial, o romance torna-se “irreal” quando não “surpreendemos os personagens no ato de criar riquezas”<sup>16</sup>. Em outras palavras, só ao levantar a base econômica, como

<sup>12</sup> REIS, Zenir Campos. Op. cit., p.69/70.

<sup>13</sup> RAMOS, Graciliano. “Decadência do romance...”. p.115

<sup>14</sup> Esta preocupação é também revelada com relação aos escritores da URSS, quando de sua visita a este país, registrada em seu livro *Viagem*. XII ed. Rio de Janeiro, Record, 1983, p. 168.

<sup>15</sup> RAMOS, Graciliano. “O fator econômico no romance brasileiro”. In: *Graciliano Ramos*, p. 125.

<sup>16</sup> Id. *Ibid.*, p. 125.

o faz o próprio Graciliano em seus romances, e colocar o personagem nesta engrenagem é que o romancista representará a luta de classes, enquanto móvel da realidade e elemento essencial para a verossimilhança.

Tanto Graciliano quanto George Lukács percebem que a estética da descrição reduplica e encobre as relações sociais na medida em que “representa todos os atos dos homens (...) como produtos normais do meio social”<sup>17</sup>. Atendam estes produtos também pelos nomes de acaso, fatalidade, determinismo, herança genética, ausentes todos eles dos romances do autor de *Vidas secas*. Para ele, a tendência a descrever a realidade como quadros, isenta o romance de tensão, não importando, na verdade, o assunto a ser abordado. Para ilustrar as suas hipóteses, Graciliano Ramos toma como exemplo, os “romances proletários”, de Jorge Amado, *Suor e Jubiabá*, que, não obstante a representação de trabalhadores e marginais, são inverossímeis, uma vez que “o trabalho aparece aí quase como um prazer e torna meio inconseqüente esse livro notável...”<sup>18</sup>. Além disso, tanto para Graciliano quanto para George Lukács comungam com a idéia de que há um quê de desumanização nas descrições; para aquele, descrever é representar “apenas metade de um homem”<sup>19</sup>, para este, descrever é rebaixar “os homens ao nível das coisas inanimadas”<sup>20</sup>.

Ilustrar suas hipóteses com os romances de Jorge Amado garante a Graciliano Ramos contemporaneidade e isenção, além de afastá-lo totalmente do fantasma do “realismo socialista”<sup>21</sup>. Primeiro, por que se se tratasse de texto atrelado à orientação de Partido não haveria críticas a Jorge Amado, também filiado ao PCB e admirador do romance proletário; segundo, a leitura que ele faz dos romances do escritor baiano continua atual, o que não pode ser dito com relação às leituras ideológicas. Tanto assim, que Alfredo Bosi, utilizando a mesma base teórica, classifica a prosa de Jorge Amado como de tensão mínima e ainda assegura que o romancista tenha passado incólume pelo realismo crítico<sup>22</sup>.

O que chama à atenção nestes ensaios de Graciliano é o fato de eles anteciparem procedimentos literários e conceitos teóricos, conforme já vimos, que só fariam parte do debate literário brasileiro na década de setenta, quando da explosão do romance reportagem. Para ser mais exata, a validade estética

---

<sup>17</sup> LUKÁCS, George. Op. Cit. .p. 57

<sup>18</sup> RAMOS, Graciliano. “O fator econômico...” , p.126.

<sup>19</sup> Id. *ibid.*, p.126

<sup>20</sup> LUKÁCS, George. Op. cit., p.69

<sup>21</sup> Sobre os “romances proletários” afirma Graciliano, em carta a Heloísa: “Almocei ontem em casa de Zélines, mas acabamos brigando por causa da nova literatura russa, que eu acho uma peste e a Rachel admira”. Op. cit. p.,144

<sup>22</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. II ed. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 456.

desta forma de romance só foi colocada em xeque nos anos 80<sup>23</sup>. Por isso, espanta a acuidade do autor ao afirmar: “Está visto que não desejamos reportagens, embora certas reportagens sejam excelentes. De ordinário, entrando em romance, elas deixam de ser jornal e não chegam a constituir literatura”<sup>24</sup>.

Muito próxima da concepção de George Lukács, que vê a narração enquanto uma postura analítica, se encontra o tratamento que Graciliano Ramos dispensa ao elemento responsável pela ideologia no romance: o ponto de vista. Embora não estabeleça nenhuma distinção entre os termos *autor e narrador*, ele já chamava a atenção para o fato de que: “a obrigação do romancista não é condenar nem perdoar a malvadez: é analisá-la, explicá-la. Sem ódios, sem idéias preconcebidas, que não somos moralistas”<sup>25</sup>. Lugar da ideologia, o foco narrativo, ou ponto de vista, pode servir como mediador, tanto para aflorar as tensões sociais, quanto para endossá-las, encobri-las. Parece que mais uma vez, a teoria tem como fonte a prática, a experiência, pois é dos narradores dos seus romances que vem toda a possibilidade de se revelarem as tensões sociais.

Estes pontos de aproximação com um ensaio tão importante quanto “Narrar ou descrever?” (pelo menos o foi durante uma época) servem apenas para instigar um debate que, a nosso ver, é muito mais amplo, haja vista que ao longo de seus romances o autor vai esboçando uma teoria do realismo crítico, que até hoje não foi investigada. De tudo, restam algumas questões. Como entender o esquecimento da crítica em relação aos ensaios “O fator econômico do romance brasileiro” e “Decadência do romance brasileiro”, uma vez que eles antecipam discussões fundamentais na literatura brasileira, entre as quais a relação entre literatura e realidade, realismo e naturalismo, sem falar no papel do escritor?

Podemos associar o esquecimento ao péssimo esquema de edição de suas obras. Mas, nem por isso deixamos de perceber que ninguém pagou um preço tão alto por ter sido filiado ao PCB. Signo de prestígio para muitos escritores, a filiação de Graciliano Ramos, talvez por causa da sua verdadeira e autêntica relação com o Partido, é marcada pelo estigma e a tentativa de desprestigiar seus escritos da época. E, por que não associar o esquecimento, o silêncio em torno destes ensaios, ao padrão de uma cultura periférica? Talvez a hipótese mais provável.

---

<sup>23</sup> Conferir SUSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

<sup>24</sup> RAMOS, Graciliano. “O fator econômico...”, p.127.

<sup>25</sup> Id. *Ibid.*, p. 127.